

**REFLEXÕES SOBRE AS FUNÇÕES DA ESCOLA E O TRABALHO DO
PROFESSOR A LUZ DA TEORIA DE ANTONIO NÓVOA**

*REFLECTIONS ON THE FUNCTIONS OF THE SCHOOL AND THE WORK OF THE
TEACHER FROM THE THEORY OF ANTONIO NÓVOA*

*REFLEXIONES SOBRE LAS FUNCIONES DE LA ESCUELA Y EL TRABAJO DEL
PROFESOR A PARTIR DE LA TEORÍA DE ANTONIO NÓVOA*

Carolina Machado Rocha Busch Pereira¹
Universidade Federal do Tocantins

Marciléia Oliveira Bispo²
Universidade Federal do Tocantins

Artemiza Ferreira Soares Miranda³
Universidade Federal do Tocantins

¹ Professora Adjunta do curso de licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT/Campus de Porto Nacional. E-mail: carolinamachado@uft.edu.br

² Professora Adjunta do curso de licenciatura em Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT/Campus de Porto Nacional. E-mail: marcileia@uft.edu.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins - UFT/Campus de Porto Nacional. E-mail: artemizaporto@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho é um ensaio teórico construído a partir de atividades realizadas na disciplina Formação de Professores para Educação Geográfica, no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Tocantins e do texto “Desafios do Trabalho do Professor no Mundo Contemporâneo” de autoria do professor António Nóvoa. Se objetiva a refletir e compreender os desafios do trabalho do professor e as funções da escola na atualidade, enquanto estratégia pedagógica que possibilita uma formação diferenciada na educação.

Palavras-chave: Educação geográfica. Formação docente inicial. Escola.

Abstract

The present work is a theoretical essay built from activities carried out in the discipline Teacher Education for Geographical Education, in the Postgraduate Program in Geography of the Universidade Federal do Tocantins and the paper “Desafios do Trabalho do Professor no Mundo Contemporâneo” authored by Professor António Nóvoa. It aims to reflect and understand the challenges of teacher work and school functions today, as a pedagogical strategy that enables a differentiated education in education.

Keywords: Geographical education. Teacher training. School.

Resumen

El presente trabajo es un ensayo teórico construido a partir de actividades realizadas en la disciplina Formación de Profesores para Educación Geográfica, en el Programa de Postgrado en Geografía de la Universidade Federal de Tocantins y del texto “Desafios do Trabalho do Professor no Mundo Contemporâneo” de autoría del profesor António Nóvoa. Se objetiva a reflexionar y comprender los desafios del trabajo del profesor y las funciones de la escuela en la actualidad, como estrategia pedagógica que possibilita una formación diferenciada en la educación.

Palabras clave: Educación geográfica. Formación docente inicial. Escuela.

1. Introdução

O presente texto é um ensaio teórico, construído a partir de atividades realizadas na disciplina Formação de Professores para Educação Geográfica do Programa de Pós-graduação em Geografia a luz da reflexão teórica de Nóvoa (2007) sobre os “Desafios do Trabalho do Professor no Mundo Contemporâneo” e outros autores que contribuem para a reflexão sobre as condições da formação docente inicial.

Nóvoa (2007) ao refletir sobre os desafios da formação de professores apresenta dois impasses, que segundo ele, é comum a todos os que atuam no campo da Educação: a crise de identidade da escola e os efeitos disso na concepção e na prática da nossa atividade profissional.

Falar sobre o trabalho do Professor é prazeroso e desafiador. A docência é uma atividade de grande relevância social, sobretudo frente ao reconhecimento de seu papel estratégico no sentido de contribuir com o desenvolvimento social e econômico do país. O investimento na formação de professores garantiu êxito a países como a Finlândia (BASTOS, 2017).

Muitos fatores têm contribuído para o sucesso do modelo educacional da Finlândia, mas qualquer pesquisa empreendida com o mínimo nível de aprofundamento bibliográfico-empírico revelará que, desses fatores, um supera todos os demais em importância para a consistência e a sustentabilidade do sistema: a excelência de seus professores (BASTOS, 2017, p. 808).

Embora os desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo devam ser considerados estratégicos, Castrogiovanni (2000) afirma que a escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e contextualizar as novas leituras de vida. Pois a vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências e a escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que se refere a tais características. Essas considerações colocam outras questões como teorizar a vida, para que o aluno possa compreendê-la e representá-la melhor e, assim, viver em busca de seus interesses (CASTROGIOVANNI, 2000).

Nóvoa (2007) aborda três dilemas que devem ser questões norteadoras da reflexão sobre a formação docente inicial: a escola deve ser centrada no aluno ou na aprendizagem? A Escola tem que ser vista como comunidade ou como sociedade? E por último a escola é vista como serviço ou como instituição?

Nóvoa (2007), Castrogiovanni (2000) e Cavalcanti (2006) afirmam que a ação docente acontece em diferentes momentos da vida, enquanto pessoa, profissional e ator social,

compreendendo experiências pessoais, profissionais e sociais, dentro e fora dos ambientes próprios da formação, nos espaços escolares, no trabalho e nas demais instâncias de convivência e interação social.

Convém destacar que a formação do professor se constitui um elemento primordial para a construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos e seus significados sociais. Portanto, não basta ao professor ter domínio da matéria (conteúdos), torna-se necessário que o docente tenha a capacidade de pensar criticamente, desvendar os processos que permeiam a realidade social e que se coloque como sujeito transformador desta realidade.

Desta forma, o presente ensaio tem o objetivo de refletir e compreender os desafios do trabalho do professor na escola, enquanto estratégia pedagógica que possibilita uma formação diferenciada para uma educação comprometida com a equidade, a justiça social, a emancipação e a autonomia.

2. O trabalho do professor e as teorias de aprendizagem e desenvolvimento

Retomando a questão central do pensamento do Nóvoa (2007) que são os dilemas da formação docente, o primeiro dilema questiona: *a escola é centrada no aluno ou na aprendizagem?* Onde o autor defende a ideia de que a escola deve estar centrada na aprendizagem dos alunos, pois a aprendizagem implica uma pessoa, um aluno concreto, implica o seu desenvolvimento, o seu bem-estar. Mas uma coisa é dizer que nosso objetivo está centrado no aluno e outra coisa na aprendizagem do aluno. E definirmos isso como nossa prioridade no trabalho dentro das escolas. Nóvoa (2007) defende mais: o conceito de escola e o conceito de espaço público da educação. Esses conceitos estão neste momento confundidos. A educação é feita na escola, formal e informal, a educação escolar e não-escolar, as atividades livres, lúdicas, tempos livres. Ao defender uma escola centrada na aprendizagem, Nóvoa (2007) defende uma escola menos “transbordante”, mais direcionada e que permita o espaço público da educação respirar. Para Nóvoa (2007) uma escola centrada na aprendizagem é aquela que o professor dá melhor atenção aos resultados dos alunos. Por fim, uma escola focada na aprendizagem deve ser um local onde as crianças aprendem a estudar, aprendem a trabalhar.

A aprendizagem centrada no aluno baseia-se em uma complexa percepção do aluno em vários aspectos de sua vida na formação de sua personalidade, com isto fica evidente de que maneira este indivíduo absorve conhecimento e também o porquê de determinadas dificuldades

de aprendizado. Em outras palavras, o aprendiz é induzido ao aprender a aprender. (DELORS, 2001)

Sforni (2008) em reflexão sobre o papel da mediação da teoria de aprendizagem e desenvolvimento relembra que

(...) a teoria vygotskiana, fundamentada no materialismo histórico, paradoxalmente, parece se ajustar às novas demandas de formação presentes na pauta neoliberal para a educação expressa nos quatro pilares da educação de Jacques Delors. Há também afirmações de que a mediação é um conceito importante, pois valorizou o professor e superou a visão advinda da concepção de aprendizagem espontaneísta, na qual os alunos deveriam construir seu próprio conhecimento e ao professor cabia apenas acompanhar o processo. Nesse contexto, de ausência de foco na atividade de ensino, a afirmação do papel do professor como mediador no processo de aprendizagem do estudante é bem-vinda à medida que resgata o seu valor social como profissional (SFORNI, 2008, p. 87).

A valorização do professor e o debate sobre as teorias de aprendizagem reforçam a necessidade de primar pelo conhecimento sistematizado compreendendo que a valorização do professor como aquele que domina o saber e os meios de torná-lo acessível ao estudante, é tão fundamental como o saber em si. Ao evidenciar o domínio dos conhecimentos na atividade de ensino, ou seja, no efetivo exercício desse tipo de mediação é que se justifica a valorização profissional do professor.

3. Comunidade ou Sociedade: qual o sentido da escola?

O segundo dilema apontando por Nóvoa (2007) é se a *escola deve ser compreendida como comunidade ou como sociedade?* Nóvoa (2007) expõe que a palavra comunidade é difícil, porque é de um enorme equívoco, é vista para muitas coisas e utilizadas de modos diferentes. É uma palavra que tem um conceito essencialmente positivo junto aos educadores. O autor defende a ideia de uma escola muito mais como sociedade do que [como] comunidade. Uma sociedade prima pela pluralidade, pela diferença e pelo respeito. Um organismo com diferenças, mas com consensos, e acima de tudo com regras. Só se pode viver em sociedade com regras. Em comunidades, no limite, é possível viver sem regras, a partir de tradições, ligações simbólicas. A escola tem que dar a esses jovens mais sociedade, mais regras de vida

em comum, mais regras do diálogo, de vida em sociedade. A escola deve ser mais crítica a essa comunitarização. Isso se faz com a escola como sociedade e não como comunidade.

Segundo Negrini (2004) Paulo Freire instiga que os educadores participem dos espaços potenciais da escola, contribuindo efetivamente para a democratização das relações e para o empoderamento da escola e dos atores escolares na tarefa educativa. Neste sentido a escola deve se constituir

num espaço acolhedor, multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria a que não falte contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade. O gosto da pergunta, da crítica, do debate (NEGRINI, 2004, p. 10).

A escola enquanto instituição deve formar sujeitos que possam inserir-se na sociedade de modo a modificá-la positivamente. Se é para a sociedade que a escola forma o indivíduo, logo conclui-se que ambos, ambiente escolar e meio social devam manter uma relação de reciprocidade para o bom andamento da educação. Por isso tem-se a percepção de que há a necessidade de uma mútua colaboração entre a esfera social e a dimensão escolar, principalmente, em relação ao meio externo do local a que as unidades de educação pertencem.

O ato de educar exige práticas próprias das relações humanas, pois no cotidiano escolar lidamos com sujeitos de diferentes formas de agir, influenciados por diversos fatores (habitação, crenças, classe social, ambiente familiar, entre outros), por isso é importante que o espaço escolar seja um lugar onde predomine a prática democrática, que em sua abrangência, abarca o respeito às diferenças, a consciência ética, a ocorrência da participação e o incentivo da mesma etc.

Uma escola construída e administrada pela ideia de comunidade orienta-se pelo princípio da homogeneidade e ao fim e ao cabo pela exclusão.

A participação efetiva no processo do planejamento é de fundamental importância, a partir dos momentos em que se concebem os instrumentos e métodos eficazes consegue-se chegar aos resultados desejados sem ultrapassar limites e efetivando o caráter democrático da gestão, tendo em vista sempre buscar os melhores meios de promover uma educação que contemple a maior integração da escola com o meio comunitário e tornado a escola um espaço democrático em seu fazer pedagógico e em todas as suas instâncias, levando em consideração atores internos e externos à instituição.

4. Para que e a quem serve a escola?

O terceiro dilema apresentado por Nóvoa (2007) é: *a escola como serviço ou como instituição?* Segundo o autor grande parte dos debates e das políticas educativas hoje tende a ver a escola como um serviço que se presta às famílias, as sociedades em geral e principalmente às crianças. Não se trata de uma instituição sem a função serviço. Vivemos na contemporaneidade uma escola que firma pelo propósito de atender a demandas sociais que em grande medida se distanciam da própria função da escola.

A relação entre a escola e a família é sobretudo nos dias de hoje, uma das questões mais discutidas por pesquisadores e ou gestores dos sistemas de ensino em quase todo o mundo. Este fato é evidenciado, por um lado, pelo expressivo número de pesquisas e publicações especializadas sobre o assunto, e, por outro, pela preocupação manifestada nos mais diversos fóruns de reuniões escolares, a fóruns nacionais e internacionais pelos profissionais responsáveis por gerir simples unidades escolares ou complexos sistemas nacionais de ensino.

A base do dilema entre a escola e a sociedade em geral é a mudança de perspectiva que o projeto neoliberal e privatista impôs às escolas e aos poucos tornaram-nas prestações de serviços. Quem presta serviço é comércio, que tem projeto de formação amparado em teorias de aprendizagem é Instituição de Ensino.

Segundo Nóvoa (2007, p. 17) “é preciso recusar todas as tendências que apontam a escola como um serviço e afirmá-la como uma instituição”.

A escola deve ser uma instituição na qual o professor possa ser formador e mediador do conhecimento sem esquecer a necessidade de motivar e potencializar os alunos em suas competências. Para tanto, é fundamental o investimento na formação continuada do professor, bem como de todo o sistema educativo.

Entre uma escola prestadora de serviço e uma instituição de ensino, o que ao longo dos anos tem se acumulando no Brasil é um padrão forjado de escola pública e democrática.

Segundo Coimbra (1989, p. 15) no Brasil

a Escola que se coloca aberta a todos, que é vista como democrática, e trata a todos da mesma forma, não tem responsabilidade pelos fracassos escolares. O grande número de repetências e evasões passa a ser explicado como responsabilidade dos alunos e suas famílias. Se não conseguem aprender é porque são inferiores, mal alimentados, carentes material e emocionalmente. Com isso, a Escola inculca outro mito, o da inferioridade e marginalidade desses alunos que, de um modo geral, pertencem às classes populares. Ou seja, passa a ser natural os filhos da classe trabalhadora não aprenderem, pois são inferiores. Escamoteiam-se, assim, todas as práticas de exclusão existentes no interior da Escola, que selecionam e são responsáveis pela divisão: bons e maus alunos. De um lado, temos uma minoria que vai continuar os estudos e alcançar a Universidade; de outro, uma maioria que, se não sair da Escola, vai

seguir cursos mais curtos e menos valorizados socialmente. Esta separação, afirma a Escola, é feita segundo critérios exclusivamente pedagógicos. Os "melhores", os mais inteligentes e os estudiosos obtêm os melhores resultados. Entretanto, percebemos que tais resultados estão estreitamente ligados à origem de classe desses alunos. São os oriundos das classes média e alta, os considerados "melhores". Assim, a Escola, em seu interior, reproduz e fortalece a divisão de classes que existe em nossa sociedade. Com isso, cai o mito da Escola democrática e aberta a todos.

As escolas públicas com o passar dos anos e diante dos rendimentos insatisfatórios foram tendo seus projetos alterados e a perspectiva de Instituição de ensino foi sendo desestruturada.

A educação tem como função promover estratégias que efetivem a formação do cidadão e, conseqüentemente, a prática da cidadania. Quando ela não está atingindo este objetivo, precisa refletir e repensar determinadas práticas e atitudes.

Segundo Nóvoa (2007)

Depois de ter feito muitos estudos sobre vários países em todo mundo, percebo que há uma tendência terrível: escolas para os meninos ricos centradas na aprendizagem e escolas para os meninos pobres centradas em tarefas sociais e assistenciais. Essa divisão, que tem aumentado nos últimos anos, configura a possibilidade de duas escolas diferentes para dois mundos sociais diferentes. Aceitar isso seria, definitivamente, o fim do programa histórico da escola pública, o fim de tudo aquilo que tentamos construir nos últimos 150 anos. Se não formos capazes de reverter esse ciclo, prestaremos o pior serviço possível às causas da inclusão e às causas dos mais desfavorecidos.

O que a sociedade admite como conhecimento vem a ser coextensivo com o cognoscível. O conhecimento aprendido e compartilhado no processo de aprendizagem serve de mediação para consciência individual e coletiva das estruturas do mundo social. O conhecimento desempenha função vital na dialética fundamental da sociedade e não pode ser negligenciada de determinadas classes em nome de projetos sociais. A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento das sociedades.

5. A educação geográfica e os desafios da formação docente

A construção da identidade do professor são as representações das diferenças do sujeito; são as suas marcas/sinais e a valorização de tais singularidades. Em outras palavras, a construção da identidade é a tomada de consciência de que eu sou diferente e por ser diferente é que existo e possuo valor social (CASTROGIOVANNI, 2000).

Essa reflexão contribui para compreender a Geografia como uma disciplina de caráter estratégico na qual, a construção da aprendizagem é fundamentada na consideração da realidade vivenciada do cotidiano para se buscar diversos questionamentos, que levem o professor a realizar de forma adequada as explicações no interior de uma sala de aula. Cavalcanti aponta alguns questionamentos que são levantados para uma aprendizagem mais significativa, como:

O que é a Geografia escolar na atualidade? Como ela se realiza? Como o professor a constrói? Quais os desafios da prática do ensino da Geografia? Quem são os alunos da Geografia? Como são esses alunos? Como praticam a Geografia do dia-a-dia? Como aprendem Geografia na escola? Que significados têm para os alunos aprender Geografia? Que dificuldades eles têm para aprender os conteúdos trabalhados nessa disciplina? (CAVALCANTI, 2006, p. 66).

Atualmente, a ocorrência de dificuldades está relacionada à maneira como são conduzidas as didáticas e metodologias utilizadas na Geografia escolar. Embora haja situações difíceis enfrentadas pelos professores, por exemplo, a baixa remuneração, a formação inicial fragmentada em cursos com projetos de currículos ainda muito próximos da formação do bacharel, o excesso de carga horária de trabalho, além do problema da indisciplina e a ausência da família na tarefa de educar, ainda assim o professor deve buscar alternativas para superar e transformar a realidade em que está inserido. A formação continuada deve ser uma pauta de reivindicação permanente dos professores, uma vez que oportuniza espaços de aprendizagem e reflexão sobre a área de ensino, a formação específica e a atualização didático-pedagógica.

Nóvoa (2007) afirma que há um paradoxo entre o excesso das missões da escola, e o excesso de pedidos que a sociedade nos faz; há um paradoxo quanto à glorificação da sociedade do conhecimento em contraste com o desprestígio com que são tratados os professores. E por fim há um paradoxo entre a retórica do professor reflexivo e, ao mesmo tempo, a inexistência de condições de trabalho concretas.

Diante disso, Nóvoa (2007) afirma que os desafios para o futuro é melhorar a organização da profissão, já que a mesma tem um déficit grande de organização no interior das escolas. Segundo o autor é necessário propor uma formação mais centrada nas práticas e na análise das práticas, pois a formação do professor é, por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica, mas há um déficit de práticas, de refletir sobre as práticas, de trabalhar sobre as práticas, de saber como fazer; e por último é a credibilidade da profissão, que está ligada a avaliação e prestação de contas do trabalho profissional.

Enfim, precisamos de uma escola que se reorganize como corpo vivente dentro do sistema social-planetário em que está inserida. Uma escola engajada como parte e como todo, sendo gerada e

geradora, inspirada e inspiradora, cativante e cativadora, dos olhares e atenções, respeitada e respeitadora (SUANNO, 2017).

Desse modo, o professor no processo de ensino e aprendizagem constitui um importante meio para o desenvolvimento da aprendizagem do estudante, no desenvolvimento de suas capacidades para a leitura, na compreensão e na participação ativa nos estudos.

De tal modo, que pelo ensino de Geografia pode-se desenvolver a capacidade dos alunos participarem do contexto sócio-espacial a partir da análise geográfica, da compreensão do particular, das vivências e das suas diferentes interpretações de mundo. Acreditamos que, para isso, os professores, nas aulas de Geografia, possam desenvolver competências e as habilidades que provêm essa compreensão. Assim, as práticas em sala de aula devem propor a articulação entre os conceitos geográficos, por meio de atividades problematizadas e com o uso de metodologias ativas.

6. Considerações finais

Segundo Nóvoa (2007) a escola deve ser pensada como Instituição formadora para aprendizagem para superação das desigualdades e para a promoção da justiça social. A tarefa de transformar a escola que temos na atualidade para a escola que julgamos necessária para a sociedade, é desafiadora.

Segundo Coimbra (1989) a escola apesar de ser uma instituição fortemente articulada com o Estado, cabe em seu interior espaços de lutas e resistências onde acontecem e as contradições onde são possíveis as transformações.

Atualmente, a participação da comunidade nas ações da escola tornou-se algo necessário e relevante para os desafios que se impõe cada dia mais para a escola e esta aproximação reflete várias dimensões acerca do que ocorre fora de seus muros, dessa forma não há como não haver uma relação entre as instituições educacionais e a comunidade onde as mesmas estão inseridas. Diferentemente do passado, onde a escola se fazia autônoma no que diz respeito aos processos educacionais, hoje em dia fica difícil conduzir as práticas pedagógicas sem o apoio e a participação de todos que formam um meio social específico. Entretanto a participação da comunidade, deve ser vista como fortalecimento da Instituição, como mais um elemento de integração. A escola pública democrática e participativa deve cada dia mais reafirmar seu papel de Instituição a serviço da sociedade para formar cidadãos aptos a convivência com as adversidades do mundo.

É função da educação fornecer meios significativos que levem ao melhoramento social e em contrapartida efetive seu papel como instituição de educação. Porém isso só acontecerá de fato se a gestão escolar trabalhar de forma democrática, buscando a integração com a comunidade e levando em consideração todos os aspectos que o meio comunitário possa vir a demonstrar para que se chegue a uma educação que reflita positivamente os benefícios dessa integração.

7. Referências

BASTOS, Remo Moreira Brito. O surpreendente êxito do sistema educacional finlandês em um cenário global de educação mercantilizada. **Revista Brasileira de Educação**. v. 22, n. 70, p. 802-825, jul.-set. 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n70/1809-449X-rbedu-22-70-00802.pdf>> Acesso em 01 de abr. de 2018.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos. Apreensão e compreensão do espaço geográfico. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.). **Ensino e Geografia: práticas e textualização no cotidiano** Porto Alegre: Mediação, 2000, p. 11-81.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia e Diversidade**: construção de conhecimentos geográficos escolares e atribuição de significados pelos diversos sujeitos do processo de ensino. São Paulo: Contexto, 2006.

COIMBRA, Cecília Maria B. As funções da instituição escolar: análise e reflexões. **Revista Psicologia científica**. vol. 9 no. 3. Brasília, DF, 1989. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98931989000300006>> Acesso em 01 de abr. de 2017.

DELORS, Jacques et al. **Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a Unesco da comissão internacional sobre a educação para o século XXI**. São Paulo: Cortez; Brasília, DEF: MEC: UNESCO. 2001.

NEGRINI, Sandra. Conselhos de Escola: comunidade participativa. **Educação em foco**. Juiz de Fora. vol. 9, n. 1/2, p. 63-84, 2004. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/>> Acesso em: 01 de abr. de 2017.

NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Sindicato dos professores de São Paulo. São Paulo, SP, 2007. Disponível em: <http://www.sinprosp.org.br/arquivos/novoa/livreto_novoa.pdf> Acesso em: 01 de abr. de 2017.

SFORNI, Marta Sueli de Faria. Aprendizagem e desenvolvimento: o papel da mediação. In: CAPELLINI, V. L. F.; MANZONI, R. M. (Org.). **Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem**: diferentes olhares sobre o processo educacional. Bauru: UNESP/FC; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

SUANNO, João Henrique. Por que uma escola criativa? **Revista Polyphonia**. Vol. 27, número 01, jan-jun, 2016. p. 81-97. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/sv/issue/view/1785/showToc>> Acesso em: 01 de abr. de 2017.